

# O diálogo acadêmico entre orientadores e orientandos

## *Academic dialogue between orientators and students*

CLEIDE MARIA QUEVEDO QUIXADÁ VIANA\*

ILMA PASSOS ALENCASTRO VEIGA\*\*



**RESUMO** – O texto tem o objetivo de discutir a voz de orientandos e seus respectivos orientadores sobre as contribuições e fragilidades de ambos para o êxito da produção acadêmica. Trata-se do recorte de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida em cursos de pós-graduação da UnB. O campo empírico foi o curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação. Os sujeitos da pesquisa foram vinte e oito alunos egressos do mestrado, com seus respectivos orientadores, no total de dezoito. O instrumento de pesquisa aplicado ao orientando foi o questionário e, ao orientador, a entrevista. A pesquisa revelou que, nem sempre, a forma como orientador e orientando se apresentam corresponde ao olhar do outro, apesar da identificação de pontos convergentes. Entender os meandros do cruzamento desses olhares é o desafio do texto.

**Descritores** – educação superior; pós-graduação; orientação acadêmica.

**ABSTRACT** – The objective of this paper is to discuss the opinion of students and their academic orientators about the fragilities and the contributions of both for the success of academic production. It is part of a qualitative research developed in the Masters in Education Post Graduation Program at the University of Brasília – UnB. The subjects of the research were twenty-eight students who had already finished their masters and their academic orientators, a total of eighteen. The instruments to collect the data were students' questionnaires and the orientators were interviewed. The data showed that students and academic orientators do not always have the same opinion about their participation and contribution in the process. Understanding the real meaning of these different points of view is the target of this text.

**Keywords** – higher education; post graduation; academic orientation.

### CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O presente texto é um recorte do resultado de uma pesquisa realizada na Universidade de Brasília no ano de 2007, no Programa de Pós-Graduação em Educação, com uma amostra de vinte e oito egressos dos anos de 2005 e 2006 e seus respectivos orientadores, no total de dezoito. O objetivo desta pesquisa foi o de discutir, no campo da formação docente, o processo de elaboração de dissertações na pós-graduação, considerando de forma particular a relação orientador-orientando, em que se procurou identificar os desafios e características da referida relação.

A nossa intenção neste recorte é de, a partir dos dados coletados, refletir sobre as contribuições e fragilidades da

relação acadêmica entre orientadores e orientandos e seu reflexo na elaboração de dissertações, entrecruzando os olhares dos sujeitos pesquisados. A discussão pretende estimular o debate de um tema pouco investigado no meio acadêmico, mas de grande relevância para os atores envolvidos.

### 1. A VISÃO DO ORIENTADOR SOBRE A ORIENTAÇÃO ACADÊMICA

A orientação acadêmica é uma relação pedagógica que se estabelece entre orientando e orientador. Trata-se de uma relação que, apesar de resguardar características gerais por ser dinâmica e envolver pessoas, cada uma

\*Doutora em Educação. Professora Adjunto do Departamento de Métodos e Técnicas da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. *E-mail:* <cleidequixada@unb.br>.

\*\*Doutora em Educação. Pesquisadora Associada Senior da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e Professora da Faculdade de Educação do Centro Universitário de Brasília. *E-mail:* <ipaveiga@terra.com.br>.

*Artigo recebido em abril e aprovado em junho de 2010.*

com suas subjetividades, se estabelecerá em níveis diferenciados entre o orientador e o orientado, pois como nos lembra Duarte (2005, p. 137) ambos possuem características pessoais e profissionais diferenciadas.

Vale ressaltar que tal subjetividade implica momentos de tensão, de conflito, de equilíbrio, de harmonia, dependendo da sintonia entre os atores envolvidos. Nesse sentido, o respeito às diferenças torna-se uma condição fundamental para a qualidade da relação, para o sucesso do trabalho e para a superação de conflitos que possam se apresentar no decorrer do processo.

Esta relação deve ser pautada em um compromisso no qual orientador e orientando têm direitos e deveres a serem respeitados. Assim, cada um tem um papel a ser desempenhado. E qual seria, então, a função do orientador? Severino define com propriedade esta função:

A função do orientador deveria ser aquela de um educador, cuja experiência, mais amadurecida, ele compartilha com o orientando, num processo conjunto de construção de conhecimento. Duas partes interagindo, num processo de diálogo, respeitando-se a autonomia e a personalidade de cada uma das partes. O orientador não é nem pai, nem tutor, nem advogado de defesa, nem analista, mas também não é feitor, coronel ou coisa que o valha. Ele é um educador, estabelecendo com seu orientando uma relação educativa, com tudo o que isso significa no plano da elaboração científica (2006, p. 77-8).

Mas, qual é a opinião do orientador acadêmico sobre esta função e seus desafios? Como ele vê a sua contribuição no êxito da produção acadêmica do orientando? Quais as fragilidades que ele identifica no processo de orientação?

Os dados levantados indicam que, no exercício de tal função, os desafios enfrentados pelos orientadores podem ser categorizados em: (a) afetivos, (b) profissionais e (c) teórico-metodológicos.

Em relação ao aspecto afetivo, muitos orientadores destacam a necessidade de conhecer a história de vida do orientando, suas expectativas em relação ao curso, como também, proporcionar ao aluno a oportunidade de se deixar conhecer por ele, procurando estabelecer entre ambos uma relação dialógica e um clima de confiança.

Nesse sentido, alguns orientadores consideram que o acolhimento dispensado ao aluno é a base de uma “relação de construção e parceria”.

Em relação ao aspecto profissional, para muitos orientadores é fundamental desde o primeiro encontro definir o tipo de relação entre ambos, em que cada um tem um papel diferenciado no desenvolvimento do trabalho; conhecer e discutir a proposta de trabalho do aluno; engajá-lo no grupo de pesquisa e “captar a capacidade do orientando de trabalhar sozinho”, pois alguns orientadores

consideram importante identificar se o orientando é “capaz de ser autônomo”.

Quanto aos aspectos teórico-metodológicos, os orientadores destacam a importância de estabelecer e respeitar um “contrato pedagógico” entre ambos para o bom andamento do trabalho. Torna-se necessário, portanto, a montagem de um cronograma de trabalho com a definição de leituras, atividades a serem desenvolvidas, horários de encontro etc. Os orientadores reconhecem que a forma de orientar depende de cada orientador, daí a necessidade de esclarecer desde o primeiro encontro a sua forma de trabalhar.

Por isso, tais orientações são fundamentais para iniciar o processo. Os orientadores preocupam-se, também, com a dificuldade do orientando em escolher um tema que esteja afinado com a sua linha de pesquisa, ajustando o foco do objeto quando necessário, e que este saiba como desenvolver os aspectos metodológicos da pesquisa, além de manter o compromisso de pesquisador com o papel social da pesquisa. Para eles, estes são os desafios enfrentados no dia-a-dia, sendo fundamental o olhar e a interferência de quem tem mais experiência para promover as alterações necessárias.

Os orientadores acreditam que podem contribuir no processo de orientação acadêmica através dos seguintes pontos, assim caracterizados: atitudinais; cognitivos; administrativos e temporais.

Do ponto de vista atitudinal, os orientadores destacam: ter responsabilidade; estimular a autonomia do orientando; integrar os orientandos ao grupo para se sentirem apoiados; ser parceiro; não ser autoritário; valorizar o diálogo; ser disponível; ler e devolver os comentários o mais rápido possível; manter-se sempre atualizado com as temáticas de trabalho; considerar as circunstâncias pessoais do orientando.

Em relação ao aspecto cognitivo, eles apontam: garantir a convergência entre seu objeto de pesquisa e o objeto do orientando; tornar viável a delimitação do objeto; contribuir com uma seleção bibliográfica adequada.

No que se refere ao aspecto administrativo, eles mencionam: respeitar os encontros (presencial ou virtual) definidos no cronograma; disponibilizar a chave da sua sala e o acesso ao computador e publicações.

A respeito do aspecto temporal, os orientadores ressaltam: dispor de tempo para o atendimento individual e coletivo.

Entre as fragilidades dos orientandos que comprometem a elaboração e qualidade do trabalho no processo de orientação, os orientadores destacam:

- dificuldade na escrita acadêmica; má vontade em refazer textos quando é necessário;
- falta de domínio de uma literatura razoável e da metodologia para desenvolver a pesquisa;

- falta de tempo para se dedicar ao curso; dificuldade em cumprir os prazos acordados pela CAPES.

Os orientadores ressaltam, ainda, a existência de dificuldades de ordem institucional, que acabam afetando o trabalho do orientando:

- a necessidade de construção e funcionamento de uma biblioteca setorial própria e atualizada com bons títulos; de um centro de documentação;
- de salas de estudo de boa qualidade; de equipamentos e ambientes com internet, disponíveis para o uso do orientando;
- de apoio financeiro para o orientando apresentar seu trabalho em congressos, pois isso motiva e faz o aluno produzir, contribuindo na elaboração do trabalho acadêmico.

Por fim, os orientadores consideram, de forma predominante, ser a relação orientador-orientando fundamental para o êxito da elaboração do trabalho acadêmico, enquanto apenas três professores afirmam que ela é importante, mas que não precisa ser afetiva, e um deles que ela não é determinante, apesar de ser importante.

## **2. A POSIÇÃO DO ORIENTANDO SOBRE O PROCESSO DE ORIENTAÇÃO ACADÊMICA: ENTRECRUZANDO OLHARES**

Como o orientando avalia a orientação acadêmica do orientador? Da mesma forma que a maioria dos orientadores, a maioria dos orientandos considera importante uma boa relação para o êxito do seu trabalho, reconhecendo que a forma como foram recebidos, a dedicação e a acessibilidade de muitos dos orientadores contribuíram para que seus objetivos fossem alcançados.

Entretanto, alguns ressaltam que, embora tenham tido uma relação cordial com o orientador e de muitos deles enfatizarem a importância de estar disponível para o atendimento ao aluno, fato reconhecido pela maioria dos orientandos, teve orientando que se ressentiu da falta de disponibilidade do seu orientador para atendê-lo, resultando em prejuízo para o trabalho.

Em nome de uma “autonomia” do orientando, proclamada por alguns dos orientadores, teve orientando que se sentiu sozinho e largado durante o processo, como demonstra a afirmação do aluno: “apesar da amizade permanecer, teria procurado outro orientador se soubesse que seria da forma como foi”. Apenas um aluno assumiu uma posição contrária, pois para ele, quem está na pós-graduação não deve ser “carregado”, mas auxiliado.

Este ponto precisa ser esclarecido. É importante o desenvolvimento da autonomia do aluno. Entretanto, existe uma grande diferença entre estimular a autonomia, mas se manter sempre pronto a orientar, pois autonomia não é deixar o aluno sem orientação, demorar a retornar

as correções, não dispensar a mínima assistência ao orientando e nunca ler o que o aluno escrevia tal como aconteceu com poucos deles.

Elaborar um texto e entregar no prazo acordado é responsabilidade do orientando, como é responsabilidade do orientador fazer uma leitura atenta e antecipada do texto antes do encontro de orientação. Se isso não acontece e sequer acontece o encontro, cria-se um enorme problema que passa a ter desdobramentos negativos no processo de orientação e na qualidade do trabalho do orientando, por exemplo, como aconteceu com um orientando que teve sua dissertação lida pelo orientador, pela primeira vez, uma semana antes dele encaminhar o documento para os professores da banca, levando o orientando a afirmar: “não houve uma orientação de fato”.

Alguns orientandos até reconhecem a sua dificuldade em produzir um texto acadêmico, fato apontado por alguns orientadores. Nesta situação é indispensável o empenho do orientando em procurar superar suas fragilidades, refazer quantas vezes for necessário o texto, sem se sentir incomodado com essa solicitação do orientador, como acontece com alguns.

Na construção de um texto acadêmico é comum ensaios e tentativas para lapidar o texto. Isso faz parte da humildade acadêmica que precisamos ter ao reconhecer que o conhecimento se constrói em idas, vindas e retomadas para que a nossa produção seja a melhor possível.

Enquanto alguns orientadores ressaltam como dificuldade a falta de tempo de alguns orientandos para cumprirem as atividades do curso, alguns destes fazem a mesma observação em relação ao seu orientador, ou seja, a falta de tempo para atendê-los.

O cronograma é responsabilidade de ambos. Cada um com seus direitos e deveres. Nesse sentido, se os orientadores se apresentam como sempre disponíveis ao atendimento do orientando, indicando até que precisam insistir com telefonemas, *e-mails*, recados, para que alguns deles apareçam, por sua vez, os orientandos afirmam que, apesar de muitos orientadores realmente serem acessíveis e disponíveis, outros são muito sobrecarregados de trabalho, o que acaba por comprometer o atendimento ao aluno.

Na verdade, sabemos que no mundo de hoje o tempo precisa ser bem administrado porque as exigências são enormes no mundo do trabalho. Pagamos um alto preço pela submissão à lógica da reestruturação de políticas públicas, de modo específico na educação superior, no que se refere ao atendimento de desejos da acumulação capitalista, acolhendo o aligeiramento e a privatização do trabalho docente, consoante com sua desvalorização profissional. A educação, tratada como uma mercadoria, um bem de consumo, em estreita sintonia com a racionalidade produtiva, exige índices de produtividade

do orientador que comprometem a qualidade do trabalho do professor.

Outro ponto ressaltado refere-se à necessidade de ajustar o foco do projeto em função da linha de pesquisa do orientador. Muitos orientandos não viram problema no ajuste, acreditando até que representou um ganho no seu aprendizado e no seu trabalho. Entretanto, alguns aceitaram porque não tiveram escolha. Sobre este ponto acreditamos que existe uma diferença entre “ajustar o foco” e mudar o projeto em função da linha de pesquisa.

Na seleção, a aprovação do projeto e a designação do orientador acontecem em função de sua área e de sua linha de pesquisa. Mudança de projeto é possível, mas mudar porque o projeto porque este não está na linha de pesquisa do orientador, por que ser aprovado então?

Orientandos e orientadores reconhecem que, entre ambos, a empatia, o saber ouvir e dialogar, a confiança e o respeito são fundamentais para o êxito do trabalho. Por outro lado, dentre as dificuldades reconhecidas pelo orientando, identificamos uma que não foi mencionada pelos orientadores: posição ideológica do orientando contrária à do orientador.

Diferenças de opiniões e de ideologias existem entre as pessoas. A aprovação de um projeto depende muito da identificação, da afinidade de idéias. É muito complicado para um professor orientar um trabalho que caminhe na contramão daquilo que ele acredita e defende. Se as divergências forem de foro íntimo, com certeza precisam ser respeitadas e não deixar que interfiram no campo profissional, mas do ponto de vista acadêmico certamente isso será um complicador difícil de ser superado.

### 3. PARA FECHAR AS NOSSAS REFLEXÕES

A breve reflexão aqui exposta nos leva a fechar o presente texto com algumas considerações. Embora orientadores e orientandos tenham demonstrando uma convergência em muitos aspectos sobre o processo de orientação, alguns pontos dignos de nota são interpretados de forma divergente por orientador e orientando. Entre eles destacam-se:

- Divergência entre alguns orientadores e orientandos sobre a idéia de autonomia, pois para alguns orientandos autonomia foi sinônimo de abandono, de desresponsabilização do orientador. Nesse sentido, vale ressaltar que autonomia não significa ausência de orientação, deixar o orientando construir o trabalho sem diálogo, sem um olhar crítico, sem a troca de experiência, sem uma orientação teórico-metodológica, como aconteceu com orientadores que se referiram à importância de desenvolver a autonomia do aluno.

- Apesar de a maioria dos orientadores mencionar a necessidade de elaboração de um cronograma e de respeitar o que nele está definido como atividades a serem desenvolvidas e entregues pelo orientando, correção e devolução dentro da maior brevidade possível, encontros periódicos conforme a necessidade do orientando ou do orientador, este menciona casos em que o orientando não cumpre as atividades no prazo acordado, desaparece sem dar satisfação, forçando-o a ficar tentando contato sem êxito.

O orientando, por sua vez, sente-se prejudicado por não ser recebido pelo orientador, por não receber a devolutiva dos textos que entregou para análise. Assim, o respeito aos direitos e deveres de ambos precisam ser respeitados para o êxito do trabalho.

Por fim, vale considerar no depoimento de orientadores a importância de acolher bem o orientando desde o primeiro encontro, de conhecê-lo e se deixar conhecer, fazê-lo sentir que ele está ali para, juntos, compartilharem essa caminhada, como também é importante o orientando saber desde o início que ambos têm direitos e deveres e papéis diferenciados na relação, que é responsabilidade do orientador garantir uma orientação teórico-metodológica que proporcione confiança e segurança para a realização do estudo.

A dedicação do orientador e do orientando é uma via de mão dupla. Organização, disponibilidade, interesse, satisfação por parte do orientador são aspectos que se reforçam quando o compromisso e a responsabilidade do orientando correspondem à dedicação do orientador. Daí a importância da autoavaliação de ambos ao longo do processo.

Face ao exposto, só nos resta considerar relevante para o processo de orientação a Academia abrir espaço para a reflexão e discussão sobre o trabalho docente, tendo como foco o processo de formação continuada do orientador, sua relação com o processo de orientação e o orientando, contribuindo, assim, para a qualidade da relação orientador-orientando.

Como uma possível síntese desse texto, destacamos as dificuldades enfrentadas no processo de orientação no que diz respeito à relação orientador-orientando. Sua compreensão exige considerar a natureza subjetiva do ser humano e de sua relação com a realidade e sua história de vida, sua compreensão de mundo, de conhecimento, os diferentes comportamentos influenciados pelos determinantes históricos da realidade social.

A possibilidade de êxito da relação e da produção acadêmica exige do orientador e do orientando diálogo, dedicação, organização, disciplina, interesse, satisfação, reforçados pelo compromisso e responsabilidade de ambos, destacando a importância da autoavaliação do orientando e do orientador no processo.

## REFERÊNCIAS

DUARTE, Andréa Novo. Relação dialógica entre orientador e orientando: intercâmbios significativos. In: MORAES, Roque; HACKMANN, Berenice Gonçalves; MANCUSO, Ronaldo (Orgs.). **De Marte a Narciso: (sobre)vivências em dissertações de mestrado**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. p. 135-143.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Pós-graduação e pesquisa: o processo de produção e de sistematização do conhecimento no campo educacional. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto (Org.). **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações**. 2. ed. Florianópolis, Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2006. p. 67-87.